Um sujeito-Outro: há uma subversão psicanalítica do sujeito sem o Outro do capitalismo?

Carmen Gallano

Quero discutir a questão do sujeito em psicanálise. Este título em espanhol se presta a um equívoco, que não existe em sua tradução para o português. Na tradução para o português, de acordo com o lugar em que situarmos a escansão, ou seja, dependendo do lugar em que pusermos a vírgula, teremos um exemplo de mudança da posição do sujeito e, conseqüentemente, uma mudança de sentido. A tese que desenvolverei aqui é a de que "não há o Outro do capitalismo para um sujeito". Assim, um sujeito sem Outro é a forma pela qual apresentarei o sujeito do capitalismo.

Se considerarmos que uma pergunta sempre implica uma tese, esta começa por uma resposta: um sujeito-Outro. O que isso quer dizer?

Em primeiro lugar, a tese de que o sujeito do capitalismo é um sujeito sem Outro não é minha. Devo-a a Lacan, que propôs, em sua conferência em Milão de 12 de maio de 1972, a escrita do discurso capitalista.

Discurso do Capitalista

$$\frac{\$}{S_1} \times \frac{S_2}{a}$$

Os lugares

O agente	O outro
A verdade	A produção

Para que estejamos familiarizados com os discursos a que me referirei nesta conferência, falta indicar os lugares: o do sujeito, o do outro, o da verdade e o da produção. De acordo com a ocupação desses lugares, Lacan situa quatro discursos não escritos. Cito dois deles: o discurso universitário e o discurso do mestre pervertido, ao qual não farei alusão, ainda que tenha vontade.

Em segundo lugar, devo a tese do sujeito do capitalismo como um sujeito sem o Outro também aos trabalhos de outros

colegas, especialmente aqueles publicados pelo esforço e a atenção de nossos colegas de Toulouse. Todos os trabalhos sobre o discurso capitalista se encontram na revista *Trefle*, de sua primeira e segunda épocas, até o fim, e, muito especialmente, no primeiro número da revista *L'En-Je Lacanien*. Foram esses trabalhos que me ajudaram a entender como o deslizamento do discurso do mestre depois da Revolução Industrial, no século XVIII, gerou o discurso capitalista.

Além disso, devo, em particular, ao que os sujeitos de hoje apresentam na clínica, já que a clínica de hoje não se encaixa no que sabemos sobre a clínica das neuroses, ou seja, é uma clínica que não se encaixa no que, até o fim do século XX, manifestou-se como a clínica freudiana das neuroses. Devo, portanto, aos pacientes que chegaram ao meu consultório e que, na clínica, ajudaram-me a entender certos impasses.

Isso pode ser explicado pelo fato de o impossível de suportar, ou seja, o real da clínica, nos termos de Lacan, tomar atualmente formas que esclarecem o impasse do sujeito do capitalismo. Trata-se de um sujeito desligado do Outro; um indivíduo afetado pelo insaciável da falta de gozar produzida pelo capitalismo. Reparem que destaquei a palavra "formas" para seguir do texto ao quadro-negro, e vice-versa, referindo-me aos lugares ocupados nos discursos. Hoje, quero enfatizar a falta de gozar. Como disse, destaquei formas, mas, na verdade, teria de dizer mais sobre essa clínica que se estende cada vez mais no mundo ocidental, e que, precisamente, não adquire facilmente "formas". Não toma facilmente, por exemplo, a forma do sintoma como envoltório formal significante.

Os sintomas neuróticos clássicos são portadores de formas características do sujeito cifrado pelo inconsciente, ou seja, apresentados pelo envoltório formal do sintoma, abordado, a meu ver, como um envoltório significante, e minha tese, a ser discutida, é esta: os sintomas dos sujeitos pressionados pelo discurso capitalista são portadores do "informe", do "registro sem-forma" do sujeito da pulsão, isto é, os extravios dos sujeitos movidos pelos informes da pulsão se referem a um $\$$ movido pelo objeto *a*: $a \longrightarrow \$$.

Os extravios do sujeito, especialmente presentes nas patologias ligadas à ânsia do consumidor e à sua contrapartida, a apatia do consumido, esclarecem o que se chamaria de "as más formações pulsionais" ou, ainda, contorções sem pé nem cabeça da pulsão, quando derivam em curto-circuito e excluem o inconsciente.

Há pouco, Jairo evocou Lévinas e o cansaço do ser de que ele fala. Os sujeitos de hoje, quanto menos fazem algo, mais padecem da "síndrome da fadiga crônica". Parecem estar

esgotados não do esforço do desejo, mas de não fazer nada ou, mais bem dito, do saldo neles deixado pela repetição monótona dos mesmos excessos de gozo. Estão cansados de ser apenas conforme a deriva de seus empuxos pulsionais.

~

No título desta conferência, há uma pergunta: pode a psicanálise subverter esse sujeito do capitalismo? Direi algo sobre o modo como me questiono. A meu ver, não podemos responder a essa pergunta sem Lacan. Assim, talvez possamos começar a abordá-la de acordo com os ensinamentos de Lacan.

O título também antecipa a resposta na pergunta: o discurso do analista pode transformar esse sujeito sem Outro em um sujeito-Outro? De acordo com Lacan, no *Seminário – livro 17*, capítulo II, ponto 2, isso só ocorre na "histerização do discurso", instituída pelo analista na experiência analítica. É a histerização do discurso que faz surgir um sujeito com o Outro, ou seja, a "histerização" do discurso se refere a um sujeito com o Outro significante. Assim, se tivesse de resumir a resposta a ser dada à pergunta sobre a subversão psicanalítica do sujeito do capitalismo, diria que se trata de passar de um sujeito sem Outro para um sujeito-Outro, porém passando antes, na experiência de uma análise, por um sujeito com Outro.

Pergunto-me, então, se a psicanálise tem ou não a chance de subverter o sujeito do capitalismo? O primeiro ponto de que tratarei diz respeito à subversão que a experiência psicanalítica opera. Temos de dizer que, em Lacan, subversão não equivale a revolução. Subversão foi o termo empregado por Lacan para definir o êxito de Freud ao inventar a Psicanálise. É também o título de sua conferência no congresso de filósofos de Royaumont em 1960: *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.*

Nesse texto, Lacan diz que Freud introduziu uma subversão do sujeito da ciência: "reingresso da verdade no campo da ciência, ao mesmo tempo que ela se impõe no campo de sua práxis: recalcada, ela ali retorna"[1]. Mais tarde, em *A ciência e a verdade*, Lacan diz que a ciência não quer saber nada sobre a verdade como causa, porém não no sentido do recalque, como ocorre na neurose, e sim no sentido de uma *Verwerfung*. Ele diz isso porque o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência. A ciência é a condição do nascimento da Psicanálise.

Em resumo, que sujeito subvertido Freud faz surgir? Lacan, nesse mesmo texto de 1960, diz se tratar de um sujeito pontual e evanescente, e que por isso é o mesmo sujeito que

[1] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1988, p. 813).

o da ciência, efeito de significantes. Verifica-se um corte na cadeia significante que exemplifica a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Parece-me tratar-se de uma definição muito contundente e muito precisa do ponto em que o sujeito do inconsciente freudiano emerge na estrutura como descontinuidade no real, assim como o sujeito da ciência emerge na história. A ciência, contudo, foi apenas a condição para que a psicanálise se tornasse possível no fim do século XIX, uma condição necessária, mas não suficiente.

Além disso, o ato de Freud – a invenção da prática psicanalítica – não resultou de sua inclinação "cientificista". Foi antes uma resposta do sujeito histérico que revelou a Freud, inesperadamente, o inconsciente e a verdade como causa material. Dito de outro modo, a causa material da substância significante relacionada ao sujeito foi a histérica. Lacan, nesses termos, teria estabelecido uma relação entre o desejo do cientista, ou seja, o sujeito no discurso científico, e o sujeito histérico. Do sujeito, e não o da ciência. A histérica, com seus sintomas, esclarece a incidência do significante no sujeito, abordado como metáfora em sua abertura ao inconsciente.

A histeria e sua generosa rememoração, exercitando-se na associação livre, ensinaram a Freud, que seguiu a pista do sujeito de um inconsciente, efeito do significante. Trata-se de uma verdade que perturba e desorganiza a ordem da representação. O sujeito, encoberto por sua representação, teria podido, até então, acreditar ser Um, sem fissuras. É exatamente isso, aliás, o que aflige o obsessivo em sua neurose ideal e falida, podendo-se dizer, portanto, que esse ato pelo qual Freud subverteu o sujeito, fazendo-o aparecer como outro a si mesmo e não como Um, é um ato revolucionário.

Revolução, todavia, não é subversão. São coisas distintas. É importante distingui-las, como Lacan o fez, embora eu não afirme de modo algum – essa não é a minha tese – que seria possível uma revolução psicanalítica que perturbasse o regime capitalista. A raiz latina de subversão, como ensina o dicionário da língua espanhola Molina, é "sub-vertere", ou seja, "verter para baixo", alterar, perturbar, transtornar, fazer com que algo deixe de andar segundo a ordem estabelecida ou a normalidade. Não se trata, assim, de perturbar ou fazer desaparecer a ordem estabelecida. Aplicada ao sujeito, subversão quer dizer fazer com que o sujeito deixe de andar com a ordem do discurso do mestre, ou seja, tratar-se-ia de uma subversão capitalista.

Vejamos a versão atual do discurso do mestre. Revolução quer dizer volta, o que dá voltas, o que gira. Aplica-se a uma mudança política muito radical, a uma alteração da ordem pública,

destinada a mudar um regime de poder. Aplicada ao sujeito, quer dizer insurreição da verdade no discurso do mestre.

No segundo ponto do quarto capítulo do *Seminário – livro 20: Mais ainda*, Lacan define a emergência do discurso analítico, na condição de obra de Freud, como um quarto de volta dado no discurso da histeria, e afirma que essa noção de um quarto de volta evoca a revolução, mas não no sentido de que a revolução seria subversiva. Ao contrário, o que dá volta, o que gira, é o que se chama revolução. Destina-se, por seu próprio enunciado, a evocar o retorno, ou seja, falar de revolução nada mais é do que outro modo de falar do retorno do mestre. Para entender melhor essa noção, vale lembrar que, na continuação desse capítulo, Lacan comenta criticamente a idéia de revolução copernicana na ciência.

Tomarei algo extraído desse comentário de Lacan que me interessa aqui. Ele afirma que a subversão, se existiu na ciência, deve-se mais a Kepler do que a Copérnico, que formulou não "ça tourne", isso gira, dá voltas, mas sim "ça tombe", ou seja, isso cai. A subversão operada por Freud no discurso do inconsciente, ou seja, o que Freud descobre sobre o discurso inconsciente, é que "isso cai", ou seja, o objeto que cai é aquele produzido pelo saber inconsciente.

Então, falar com base em Lacan sobre a subversão do sujeito no inconsciente freudiano não é falar de uma revolução. Trata-se antes de uma mudança de discurso. De fato, não quer dizer fazer desmoronar o discurso do mestre ou que a psicanálise destituiria esse discurso do mestre ou derrubaria os demais discursos: o histérico, o universitário, o da ciência e o discurso capitalista.

Desde o ato analítico inaugurado por Freud, o que a psicanálise transforma não é um discurso. O que ela eventualmente transforma é um sujeito. Além do mais, isso não ocorre necessariamente. É algo contingente. Isso ocorre apenas e somente se um sujeito consciente, efeito de um significante, descobre-se em um lugar-Outro, descentrado de sua representação.

Consentir não é "acomodar-se". "Acomodar-se" mostra ao sujeito do discurso do mestre seu consentimento ao efeito do significante. Consentir quer dizer "sentir com", isto é, "sentir com" o que o analista torna presente em seu dizer.

Ora, há sujeitos que não "sentem com" o que o analista faz surgir em seu dizer. Há sujeitos que não consentem ao efeito da interpretação, que não consentem ao desejo do analista. Esses são os limites da psicanálise. Por isso, disse "não necessariamente" há subversão.

Ainda com respeito à diferença entre revolução e subversão, creio que se pode demonstrá-la também por meio de

duas vertentes distintas do sujeito determinado pela lógica do discurso histérico.

Se revolução é a insurreição do sujeito em sua verdade contra o regime do mestre, buscando derrotá-lo, quanto mais o sujeito histérico se afirma em uma militância revolucionária, quanto mais denuncia o mestre e atenta por meio de suas greves e de suas manifestações contra o seu poder, mais lhe dá consistência, fazendo-o retornar como o Um que ocupa inteiramente o campo do Outro, e menos dá lugar à falha com que o Outro pode revelar-se, estando do mesmo lado do sujeito, e que era o que, definitivamente, o sujeito histérico buscava: um Outro marcado pela falta e habitado por um desejo. Assim, o sujeito histérico promove o contrário de sua vocação de fazer desejar.

De fato, aos que se pretendem mestres, como bem sabemos nas instituições analíticas, convém seu corte de histéricas, pois, ao dizerem claramente e resolverem denunciar as faltas desse suposto mestre, consolidam-se como mestres. A tarefa histérica de buscar "fazer desejar" é apenas um poder que mostra o impossível, pois esse Outro, visto como Um, jamais desejará como a histérica sonha.

Isso, todavia, foi o que permitiu a Freud inventar a psicanálise: o sujeito no discurso histérico tem uma virtude Outra, que eu dizia ser o ideal que anima seu espírito revolucionário. Em outras palavras, a histérica abre caminho para a subversão analítica em uma vertente que não é a de sua pretensão revolucionária. Trata-se, simplesmente, de se negar como sujeito, de negar-se como sujeito a ser Um, de não se acomodar ao significante que a intima desde o Outro, isto é, que a intima para que se reduza à identificação com o significante, com um traço unário. Pode-se dizer que o sujeito histérico, ao resistir a desaparecer debaixo de um significante, ao resistir ao insulto da metáfora, aparece sobre a cena como elisão do significante, ou seja, como um nada que faz apelo ao saber do Outro, à espera de receber um sentido decorrente dos ditos do Outro.

A resposta do psicanalista – Freud foi o primeiro a encontrar esse modo de proceder e a abandonar o procedimento sugestivo – incide de maneira subversiva, à medida que convida o sujeito a ler, ele próprio, sua verdade no saber, isto é, privando-se de responder com o saber reclamado pela histérica e convidando o sujeito a ler sua própria verdade no saber extraído dos outros significantes que o antecedem em sua história.

No trabalho analítico, o sujeito, sem saber de que significante é efeito, continuará decifrando. Nos termos de Lacan no quarto capítulo do *Seminário – livro 20*, "como o que desliza em uma cadeia de significantes".

Com efeito, o sujeito se dará a liberdade de falar e será consciente em dar-se a liberdade de falar. Mas não é assim em todos os casos e, às vezes, custa muito para os sujeitos neuróticos. O sujeito, ao se dar a liberdade de falar, percebe-se nos deslizes de suas palavras, reconhecendo-se por um instante no significante de que é efeito como sujeito do inconsciente, e que surge ao mesmo tempo que esse significante cai em um instante de ver. Assim, o significante "mestre", que determina o sujeito sem que ele saiba, cai no discurso analítico. "Isso cai". Dito de outro modo, a submissão do sujeito ao significante se produz, se mostra, como queda no discurso analítico, sendo essa a sua subversão.

Pois bem, o sujeito subvertido pela experiência analítica não é um sujeito que aparece diretamente, como pretendiam alguns pós-freudianos, como Bouvet e Nacht, que buscaram o que chamei, em determinado momento, de o sujeito indireto. O significante faz aparecer o sujeito no momento em que o eclipsa. A via do sujeito, a via de sua subversão, revela-se em uma estrutura escandida por uma pulsação temporal. Isso quer dizer que o tempo do sujeito se marca em sua divisão entre dois significantes, em um intervalo entre a surpresa – que é o efeito de verdade de uma(s) palavra(s) – e o *après-coup* do saber, que, em um segundo tempo, o tempo de compreender, conecta-se a uma verdade ativada, mas sem agarrá-la completamente e sem poder reduzi-la.

Desse modo, diria que o sujeito do inconsciente se manifesta no balbuciar, nos vazios, nos cortes, nas escansões que "esburacam" a trama da elaboração de um saber, ou seja, o dizer de um sujeito diz mais do que ele crê dizer por meio dos intervalos que orientam seu discurso. E isso não sem fraturas da cadeia significante que organiza seu discurso.

Até aqui, situei muito rapidamente o quarto de volta que faz com que o sujeito passe ao discurso analítico, advindo como Outro e fazendo cair o significante do mestre como produção, o *plus* de gozo da palavra analisante. Isso só se pode dar em decorrência do ato do analista, em que, segundo Lacan no *Seminário – livro 15: O ato analítico*, o objeto é ativo e o sujeito, subvertido.

Para concluir sobre esse primeiro ponto, a ética do analista corresponde a convocar o sujeito como Outro, em uma alteridade radical, e a tratar o Outro como um sujeito dividido, cindido pelo significante e separado de seu gozo. Essa ética, porém, não se restringe à prática com seus pacientes no consultório, pois a própria ética o leva a dar provas de seu desejo de analista, em razão da posição que escolheu ocupar em relação a seus congêneres.

Nesta conferência, recorro ao argumento de que a subversão psicanalítica do sujeito não é alheia ao amor. De acordo com o que Lacan diz no início de seu *Seminário – livro 20: Mais ainda*, o amor é o signo da mudança de discurso. Assim, veremos adiante, de maneira muito resumida, como essa questão do amor – o amor como signo do sujeito do inconsciente – é crucial para abordar o modo como a psicanálise pode incidir no sujeito do discurso capitalista.

Antes, porém, quero dizer como o aspecto subversivo, ou não, da psicanálise no século XXI me retorna como pergunta. Esse será meu segundo ponto.

A subversão operada por Freud no século XX é indubitável e indiscutível. É isso o que mostra sua obra *O mal-estar na civilização*, de 1930, época em que o capitalismo de produção não havia se desenvolvido ainda como capitalismo de consumo e, muito menos, como capitalismo de ficção. Freud não pôde conhecer a obra de Marx, sobretudo porque, no que se refere ao Outro do discurso do mestre, era o proletário, e não o escravo clássico, quem dominava. Os neuróticos de seu tempo estavam em conflito com o discurso do mestre.

O ínfimo deslizamento, despercebido aos próprios sujeitos – os termos são de Lacan – e que substituiu o discurso do mestre, não avançou na história a cada descoberta. Marx foi o primeiro que viu, claramente, o sentido real do discurso capitalista. Por isso, consolidou-o. Freud não podia tê-lo visto porque, para que o discurso capitalista se deslocasse para o discurso do mestre, faltava o que Marx entendia por acumulação de capital, como contabilização e totalização da mais-valia que se adiciona ao capital.

O que faltava? Faltava que, nos discursos, a barreira da impotência que separa a produção da verdade fosse ultrapassada. No discurso capitalista, não há a barreira da impotência. Não há nenhuma impotência ante a exploração, bem o sabemos. Havia, então, essa barreira que impedia um núcleo produzido pelo discurso do mestre – o objeto *a* – para a verdade do mestre, que é o sujeito barrado.

No *Seminário – livro 17*, Lacan assinala o poder assassino adquirido pelo significante "mestre" no discurso capitalista. Trata-se, certamente, de um poder destruidor, uma vez que, no discurso capitalista, o significante "mestre" se revela inatacável, já que é um discurso que gira sem que nada o freie. Não há limite à exploração com que o capitalista extrai a mais-valia do trabalho proletário. Sabemos também que não há limite para a velocidade com que o discurso capitalista extrai do saber da

ciência aplicações tecnológicas que fabricam o valor mercantil do saber, as ganâncias e os objetos que produzem o mercado.

Assim, a subversão do sujeito, tal como enfocada por Lacan em 1960 – a subversão do sujeito no inconsciente freudiano – não subverte o sujeito do capitalismo. Subverte apenas o sujeito do discurso do mestre antigo. Por quê? Porque tem a mesma estrutura do discurso do inconsciente, desse inconsciente de que Freud disse que não pensa, nem calcula, que só trabalha como saber, um "saber como meio de gozo" trabalhando na repetição, um saber que produz o objeto que Freud chamou de objeto perdido, ou seja, a perda inerente à repetição.

Como sabem aqueles que estudaram Freud em *Além do princípio do prazer*, a perda produzida pela repetição é definida como a diferença entre o prazer e a satisfação esperados e aqueles efetivamente alcançados. Ora, Freud fez dessa perda o motor do desejo do sujeito, inventando a psicanálise. E entre essa perda de gozo, que é a causa da verdade do sujeito – sua castração – e essa verdade, há um hiato, alojado na expectativa de uma fantasia que se consome na repetição.

Lacan, em meu entender, começa a estabelecer as bases para pensar uma subversão psicanalítica do sujeito do capitalismo apenas após maio de 1968. Em seus próprios termos, "esse maio de 68 me permitiu viver, como muitos de minha geração e alguns que estavam em certos lugares da Europa, aquele aborto de revolução em que os estudantes contestadores se tornaram 'chocolate' de si mesmos". Essas bases foram os quatro discursos como quatro modos de vínculo social fundados na linguagem, e que são quatro modos de alojar o sujeito em relação ao gozo de que está separado.

Nesses quatro discursos, Lacan descreve como se articulam, de modos distintos, o sujeito do significante e seu ser pulsional, ou seja, o *plus* de gozo que é sua causa libidinal. Em 1964, ano tanto do *Seminário – livro 11* quanto de seu texto *Posição do inconsciente*, Lacan chega a uma lógica sem a qual parece-me que não podemos desentranhar a lógica dos quatro discursos e, portanto, pensar a subversão psicanalítica do sujeito do capitalismo. Refiro-me à lógica, chamada de "alienação e separação", da reunião e da interseção entre o sujeito e o Outro, na qual se situa uma dupla causação do sujeito: a causa significante do sujeito e, resumindo, a causa objetal do sujeito, mas não desenvolverei esse tema nesta conferência.

Pois bem, com os quatro discursos, Lacan indica que há laços sociais quando essas duas causas se enlaçam de algum modo, pois, em um vínculo social, participam tanto o corpo como falante – o

sujeito que fala sem saber e diz mais do que sabe – quanto o corpo como gozante, do qual se recortam e se separam os objetos *a*.

Ele diz que, no discurso do inconsciente, conectam-se o mistério do corpo falante e a opacidade do corpo gozante, via a impossibilidade que se apóia em uma impotência. De um lado, temos a condição do sujeito falante, havendo aqui um impasse e uma imbricação, pois um significante representa o sujeito para outro significante. De outro, temos a condição de ser pulsional de sujeito no objeto perdido produzido por um saber inconsciente – a castração – que está na barreira. A barreira da castração, por sua vez, impede que o sujeito alcance o objeto perdido. Assim, a barreira separa o produto do sujeito e faz com que não lhe seja possível incorporar esse produto, ou seja, faz com que ele não possa unir o produto à verdade.

Pela histerização do discurso, a histérica dá esse um quarto de volta que é a condição prévia para que advenha ao discurso do analista. No *Seminário – livro 17*, Lacan disse ser essa a condição do sujeito falante e também ser essa a opacidade latente do corpo gozante. Mas disse também que partiu do fato de colocar o sintoma embaixo do tapete. Parte do sintoma são aqueles sintomas considerados por Freud. São os sintomas que levam o sujeito ao analista, de onde surge a possibilidade de que haja a histerização do discurso.

O sintoma dominante do discurso do sujeito histérico não dá acesso ao lugar da verdade. A flecha está acima. O sujeito não tem acesso ao lugar da verdade no sintoma. O sintoma, contudo, apóia-se em uma opacidade latente que inclui o que Freud pode encontrar, ou seja, o sintoma implica o sujeito da linguagem e seu ser pulsional porque conecta duas coisas. Acima, em $, o ser de verdade e um sujeito em uma falha do saber; embaixo, a latência do objeto no nó do gozo-sentido que é um sintoma.

A histerização, portanto, é a precondição para a subversão no discurso do analista. Mas de que maneira? O sujeito surge como Outro, assim que se produz, na experiência analítica, o significante que cifrou o traumático da ilusão de gozo no inconsciente, assim que se produz, por meio da palavra "analisante", o significante de que o sujeito era efeito sem que o soubesse. Dito de outro modo, trata-se de uma experiência que ocorre do lado do sujeito, porém é um discurso que opera ao fazer da causa objetal do sujeito aquilo que domina o discurso (seu agente), causando o desejo de um sujeito como desejo do Outro.

Essa, em meu entender, é uma prova de que o objeto que o analista leva ao lugar dominante é ativo e de que o sujeito é subvertido pela operação analítica. Por mais incipiente que seja,

é o amor que Lacan propõe para ser pensado. Entendo-o como o amor que faz signo de um sujeito, signo de que o sujeito muda de razão. Lacan cita o poema de Rimbaud "Há uma razão" e afirma que, ao vir no lugar de Outro do discurso analítico, o amor recobre e também designa a impossibilidade de vínculo entre o sujeito e o objeto.

O amor de transferência é um amor verdadeiro. Não é um amor histérico ao mestre porque não é um amor que se dirige ao personagem analista. Quando isso ocorre, é maléfico. Diria que, nesse caso, trata-se de um amor histérico. Se pensarmos no amor de idealização do neurótico obsessivo ao mestre, veremos que não se trata de um amor ao personagem analista, mas sim ao que o analista fez ressoar, ou seja, ao que tocou no coração do ser do analisante.



Passo, agora, ao terceiro ponto para mostrar por que o sujeito pode passar da submersão capitalista universal à subversão psicanalítica particular. Inicialmente, temos de ver como os neuróticos de hoje entram em conflito com sua condição de sujeitos do capitalismo. Tomei esse termo "submersão capitalista universal" do artigo que o *Le Monde* pediu a Lacan depois de maio de 1968, mas não publicou. Conheço esse artigo apenas pela citação de Michel Bousseyroux no n. 1 de *L'En-Je Lacanien*. Ele diz: "a submersão capitalista universal"[2] em que o sujeito pode sair da submersão para emergir em uma subversão particular, não universal.

[2] Bousseyroux. Gouverner, éduquer, analyser, faire désirer (2003).

Bem, como os neuróticos de hoje estão em conflito? Como eles podem fazer sintoma, se estão capturados por um modo de ser como sujeitos do discurso capitalista? Este é outro ponto em que me deterei um pouco. Trata-se da condição que mostra que não há vínculo entre o sujeito-Outro, nem entre o sujeito e o saber. Enumero as condições do sujeito do capitalismo, que chamaria de dupla atadura do sujeito no discurso do capitalismo: a) trata-se de um sujeito sem Outro, desligado do saber, sem significação, sobre o qual, resumidamente, podemos dizer que há anonimato e solidão; b) trata-se de um sujeito movido por objetos que o mercado lhe oferece para recuperar o gozo que perde, os *gadgets*, que não apenas são tecnológicos, mas, ainda pior, também dizem respeito à redução de corpos dos outros humanos a objetos, a objetos de gozo que os desumanizam. Lembremos, por exemplo, o comércio dos gozos, do qual deriva o empuxo do sujeito à condição vivida nos campos

de concentração. O comércio dos gozos, portanto, derivou da pouca inventividade das fantasias, do mesmo modo que a indiferença cínica a esse modo de gozo. No neurótico, que por sorte não se acomoda tão facilmente à indiferença cínica, já sabemos o que lhe ocorre: o sentimento de culpa.; c) no sujeito do capitalismo, há um desejo reduzido a uma ânsia de acalmar a falta em gozar com objetos. Podemos, portanto, dizer que se trata de um desejo com objetos, mas sem sentido, pois está desligado da questão do desejo do Outro. Também sabemos seu efeito: a angústia.

Como ensina Lacan, o sujeito, no lugar dominante do discurso capitalista, em sua atadura, essa primeira atadura ao mais-de-gozar, é uma falta em gozar. O sujeito do desejo não passa pela questão do desejo do Outro e, por isso, o desejo sexuado e o sexual se degradam no discurso capitalista em uma demanda que faz do outro um objeto a ser possuído: o objeto que o sujeito não pode controlar, salvo se acreditar que é um objeto autônomo funcionando como regente do lugar dominante do discurso.

Hoje, vemos em todos os meios de comunicação que desejar quer dizer ser viciado em algo, por exemplo, nas patologias de consumo. Isso quer dizer que o desejo é consumir. Trata-se do curto-circuito de ser "viciado em". Uma paciente histérica, por exemplo, descobre, em um momento de sua análise, que seu desejo não é mais uma insaciável avidez de homem, que não se trata de desejar um homem. Essa avidez de homem reduz este objeto a um objeto ao alcance da mão, ao objeto a ser engolido, reduzindo-se ela, por sua vez, ao objeto parasita que coloniza os homens com quem se envolve.

O sujeito do capitalismo está impulsionado à perversão, porém não estou de acordo com Charles Melman, para quem não existe mais neurose, mas apenas perversão. Também há neurose. O neurótico não é perverso, ainda que o queira. Não é perverso nem louco quem quer sê-lo. Eu diria que o sujeito do capitalismo está impulsionado à perversão polimorfa inerente à pulsão na condição de vontade de gozo que busca o prazer da zona erógena do próprio corpo. Em outras palavras, o sujeito do capitalismo seria levado a se satisfazer apenas com a perversão polimorfa de um gozo auto-erótico.

Entre outras coisas, um neurótico não é perverso porque, como vocês sabem, apresenta-se ao analista e se lamenta. Além disso, não dispõe de nenhum saber fazer que assegure o gozo do Outro, nem sequer testemunha um saber fazer com esse Outro que é seu próprio corpo e que não consegue experimentar como próprio. Ele experimenta a ruína do retorno da pulsão

ao corpo, um malfeito de uma compulsão que não conduz à satisfação, nem condiz com ela.

De forma muito rápida, diria que a clínica que mais cresce hoje, na condição de índice do impasse desse enlace do sujeito do capitalismo com o objeto, é uma clínica dos estragos da sujeição à vontade de gozo presente no supereu capitalista, e que não é tanto uma clínica do sintoma. Assim, todo o empenho do desejo do analista está em fazer aparecer nesses sujeitos uma clínica do sintoma, pois houve estragos na busca de gozo em objetos que não satisfazem. Por quê? Porque nenhum objeto do mundo é causa do desejo. Além disso, os objetos não eliminam a causa do desejo, razão pela qual esses sujeitos são consumidores compulsivos e insatisfeitos. Quanto menos renúncia ao gozo, mais ele estará assediado. Quanto mais renúncia ao gozo, porém, mais fica sem desejo, aborrecido e apático. Ele não encontra saída.

Além desse enlace, o sujeito está capturado por outro. No discurso capitalista, o sujeito tem acesso ao significante "mestre", ao qual se pode prender para dar a si uma identidade, embora isso não faça a menor diferença para o discurso do mestre, que lhe propõe a representação social em uma identificação ou no discurso do inconsciente. Trata-se, mais precisamente, de um enlace que torna sua identidade problemática. Sair do anonimato é um elemento que conta no social apenas se for com a verdade de ser sujeito "Um", com os significantes que dominam o mercado. Caso contrário, permanece no anonimato, não valendo nada para ninguém. Assim, a atadura ao objeto do desejo se traduz em ser "viciado em". Para mim, a identidade hoje é ser "adepto a", "adepto de", revelando-se muito claramente o enlace com o objeto, de acordo com o que Lacan disse sobre maio de 1968. Esse enlace, portanto, revelou-se muito antes do êxito do capitalismo de consumo, embora nos últimos anos se veja com maior clareza a atadura aos significantes-mestre naqueles que o sistema classifica e estabelece nos grupos sociais, em suas inscrições sociais como as únicas que tiram o sujeito do anonimato, as únicas que lhe dão uma identidade social. Isso é, em meu entender, o que o espanhol Vicente Verdu chama de capitalismo de ficção: um capitalismo que não se contenta em fabricar objetos e quer fabricar realidades em que o sujeito possa sustentar sua identidade. Isso quer dizer que fabrica os sujeitos e os formata, como na informática, segundo os traços e as características que tomam ao se darem um lugar no mercado.

Sabemos, por exemplo, que os adolescentes desejam marcas comerciais para adquirir não o objeto, e sim uma identidade. Por exemplo, as marcas que têm êxito no mercado são aquelas

a que o sujeito se apega, são marcas do amor (*love marks*). A publicidade dessas marcas diz que elas "o amam", ou seja, importa que o sujeito sinta que a marca o ama, que, por exemplo, "Nike o ama". Nesses termos, as marcas comerciais são os novos pais que amam seus filhos submissos, os novos pais significantes que amam seus filhos dóceis porque se prendem a eles. A montagem fotográfica de uma artista contemporânea que exibia um corpo tatuado com marcas comerciais ilustra bem essa tendência. Muito rapidamente, veremos jovens tatuados com Gucci, Prada etc.

Ainda no campo artístico, o excelente vídeo *Ilha das flores*, do brasileiro Jorge Furtado, parte do ciclo de um tomate para mostrar que se pode subverter o discurso capitalista com humor e ironia, sem *pathos*. Esse vídeo parte dos avatares de um tomate, produzido em um horto, que transforma os sujeitos; segue, então, as transformações desses sujeitos, até que eles se tornem seres humanos no Brasil; em alguns lugares, consomem os restos podres do tomate depois de dar de comer aos porcos. São as sobras do que se deu de comer aos porcos, ou seja, sobram apenas os restos para sobrevivência. Vemos, portanto, o capitalismo que termina por reduzir o sujeito ao ser da pura necessidade que luta para sobreviver, para não morrer de fome.

Esse sujeito do capitalismo, sujeito só, é um sujeito sem parceiro, como as mulheres de hoje, que tanto se queixam aos analistas porque estão sem parceiro, sem parceria de outros significantes, sem parceiros ligados ao outro pelo desejo do Outro, sem parceiros de outro sujeito no amor ou de outro parceiro que sejam objeto do desejo. Esse sujeito só também se rende, se identifica e seduz, pois existe também um mercado dos solteiros. Há clubes, redes, *chats*, ofertas, viagens, revistas e atividades destinados exclusivamente aos solteiros. O sujeito hoje, portanto, é um sujeito solteiro, *single*, que se agrupa a outros solteiros, para que se sinta alguém, e não para que deixe de estar só. No mercado espanhol, eles são chamados de ímpares.

Dito de outro modo, o capitalismo extrai vantagens da solidão por intermédio do anonimato em que o sujeito se sente ninguém e sem laço com o outro. A adolescência já não é mais um tempo de crise criativa que atravessa o sujeito. Hoje, ela amplia, cada vez mais, a franja de consumidores. No mercado *teen*, ser um *teenager* é ser alguém que está atado a essas marcas que oferecem um visual, um *look*. Essas marcas são os novos ideais do eu dos jovens porque oferecem um ego visual e um ideal de ficção. Assim, o drama do sujeito do capitalismo é ser um sujeito com dupla atadura, um ser cindido. Como puro sujeito de significante, está separado de sua existência de ser vivo e sexuado: é um, mas também múltiplo.

A aspiração a liberar-se da fragilidade da carne e da vulnerabilidade do corpo na utopia do ilimitado, de uma vida eterna, de um corpo cibernético, resultado da tecnologia ativada nos corpos e de um espírito transferível aos progressos informáticos da realidade virtual, é aquela de um ser humano que teria conseguido erradicar definitivamente a castração, ou seja, que já não experimentaria mais a dimensão trágica da vida que permite o desejo. É nessa aspiração a erradicar a castração, todavia, que aparece o beco sem saída do neurótico. A contrapartida desse sujeito – um sujeito que aparece como morto no jogo dos significantes – é um corpo vivo que reclama o gozo, mas está desligado da subjetividade. Uma paciente obsessiva me disse outro dia: "o que meu corpo gosta me desagrada profundamente, e cada vez que consumo cocaína, experimento isso".



O discurso capitalista forja o sem-sentido da existência do sujeito. Trata-se de um sujeito uno e múltiplo, que entra no jogo das ficções forjadas pelos significantes. Mas será possível a esse sujeito do capitalismo participar desse jogo de significantes como alguém vivo, como alguém dotado de um valor libidinal que outorga de si ou do Outro?

Esse é o impasse em que hoje se encontra o neurótico. Para mim, é isso o que mais se constata nas consultas, mas não nas consultas de Psicanálise, porque os neuróticos de hoje buscam o psicanalista como terapeuta. Trata-se, portanto, de uma contingência que ocorre na consulta com o analista, pois o único lugar em que o neurótico endereça a questão do desejo para fazê-la passar pelo desejo de Outro é aquele lugar em que ele se enlaça a um terapeuta. Às vezes, nessa experiência ele se encontra com um psicanalista. Por quê? Porque quando o neurótico não consegue resolver sozinho seus impasses, quando não sabe como lidar para encontrar uma satisfação com o Outro do sexo, como pretende o sistema, ele busca um terapeuta.

Para o neurótico, trata-se de uma novela, e a forma como experimenta isso me parece hoje mais dramática. Ele não sabe como resolver seu fracasso nas coisas do amor; não sabe como sair da solidão e fazer laço com os outros humanos porque o discurso capitalista não organiza nenhum laço entre humanos. Não sabe também como fazer um laço em que possa derivar seu gozo em um desejo que inclua o outro como Outro.

A condição do neurótico mudou para pior. Por isso, a psicanálise segue tendo seus destinos. Terminarei com este ponto:

não podemos pensar a psicanálise em sua capacidade subversiva porque ela joga luz sobre a causa significante do sujeito. Foi essa a subversão freudiana, que hoje, a meu ver, já não é subversiva. Com isso, quero iluminar a divisão do sujeito entre ser puro, efeito do significante, e a busca de sentido na metonímia de uma cadeia significante. O sujeito contemporâneo sabe isso, pois se acostumou a ser um sujeito com esse Outro ordenador, e está imunizado contra as emergências imprevisíveis que perturbam o funcionamento do sistema. Isso não lhe faz mais um sintoma.

Mas a psicanálise é subversiva no século XXI e temos a pista de como ela o é graças aos ensinamentos de Lacan desde 1968. Será que a psicanálise responde ao mal-estar do sujeito do capitalismo, tornando presente esse objeto que não pode ser alcançado por nenhum consumo, por mais refinado que ele seja? Sabe-se bem que se esses objetos, ao serem apresentados, padecessem de consumos sublimados e refinados, fariam com que o sujeito se interessasse por esse objeto que só pode habitá-lo no que encerra de enigmático em sua presença viva. Esse objeto inalcançável pelo gozo, mas que alcança o sujeito no mais íntimo de si, despertaria um desejo dele. Assim, dito de forma um pouco redutora, só a psicanálise pode subverter o sujeito do capitalismo e fazer aparecer sua causa objetal.

Podemos dizer, portanto, que o sujeito do capitalismo está ligado a um objeto, ao mesmo tempo que está desligado do Outro e do saber de sua história. A psicanálise, para ter incidências no sujeito, tem de saber tomar essa via, mas deve subvertê-la, ou seja, deve comover o sujeito com a evocação de uma causa de seu desejo, que não pode obstruir-se na corrida consumista ou exploradora do outro.

Isso só pode se dar, se o analista assegurar ao sujeito que ele é afetado não só pelo significante – isso comove pouco aos neuróticos de hoje –, mas também pelo que lhe escapa de seu desejo, como sujeito-Outro que se desolava em sua intenção de recuperar o gozo perdido. Em outras palavras, despertar no sujeito uma causa Outra que não a de se conformar com as ofertas do sistema que lhe prometem possibilidades ilimitadas. Como disse Colette Soler, despertar nele o prazer de se interessar por uma outra causa que seja conforme o sistema.

Assim, despertar o sujeito para essa causa do desejo pode se dar antes, se o analista não provar que ele mesmo a encontrou. Creio que esse é o problema atual da transmissão da psicanálise. A saída do discurso capitalista é possível, mas se trata de uma saída um a um. Não há generalidade, nem universalidade. Tampouco garantias.

De fato, a saída em grupo oferecida pelas instituições analíticas não é mais do que uma oferta de, diria, estacionar-se no próprio discurso capitalista, em um parque temático analítico. Digo "parque temático", pois pode ser um pouco Disneylândia, mas também um pouco campo de concentração. Não se trata apenas de estacionar em um objetivo analítico, em vez de estar perdido, disperso no grande mercado universal, ou seja, de confinar-se no pequeno mercado de uma seita. Não adianta um analista ter saído da AMP para que esteja livre dos efeitos de seita. Por isso, agradam-me muito exemplos, como os fóruns no Brasil, que não têm promovido a seita, assim como ver que esse encontro de hoje não tem nada de um encontro de Um, uma vez que é a interseção que nos reúne sem nos totalizar em múltiplas inscrições. Nem todos estão em todos, e não se sabe quem está em quem dos que hoje estão aqui.

Concluo: a saída do discurso capitalista é uma saída que não faz ruído revolucionário, nem barulho de protesto. Diria que é uma saída na ponta dos pés, em uma destituição subjetiva daquela produzida pela ciência. Na ponta dos pés, mas com o passo decisivo do ato que cria um desejo que não anda em conformidade com essa lógica. Trata-se, portanto, de fazer surgir um sujeito transformado pela análise, de maneira que seu desejo obedeça a uma lógica que não a da rentabilidade, ou seja, de um desejo que não dá rentabilidade ao Outro pelo gozo.

O que se produz é um desejo do analisado que percebe os outros como sujeitos-Outros, *heteros*, como um Outro que surpreende, pois nada é suposto nesse Outro, sobretudo em decorrência de uma antecipação "fantasmática". Tudo o que se supõe *a priori* em relação ao Outro é fantasia. Aposta-se, portanto, no efeito a ser alcançado pela emergência de um sujeito que se deixa surpreender pelo Outro em sua alteridade. Sair do discurso capitalista tem como efeito um sujeito subvertido pela psicanálise; trata-se de uma aposta e não de um êxito assegurado, que sequer garante a conclusão de uma análise.

A questão, portanto, é esta: o desejo de um sujeito encontrará uma satisfação Outra que esteja desarticulada de sua fantasia, que foi desmontada em seu tratamento, ou outra que servirá para formatá-lo segundo os interesses do mercado?

TRADUÇÃO
Eliane Z. Schermann

referências bibliográficas

Bousseyroux, Michel. (2003). Gouverner, éduquer, analyser, faire désirer: le pouvoir des quatre impossibles et l'impuissance de la vérité. *Revue L'En-Je Lacanien*, n. 1.

Freud, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVIII.

Freud, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXI.

Lacan, Jacques. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. (1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. (1966). A ciência e a verdade. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 15: O ato analítico* (1967-1968). Inédito.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

Lacan, Jacques. (1972). Milan, 12 de mai 1972. Em: *Lacan en Italia.* Milão: La Salamandra, 1980.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

resumo

Esta conferência discute a questão do sujeito em psicanálise à luz da tese "não há o Outro do capitalismo para um sujeito".

palavras-chave

sujeito, discurso, capitalismo

abstract

This conference discusses the issue of the Subject in psychoanalysis from the point of view of the thesis "there is no Other of capitalism for a Subject".

key words

Subject, discourse, capitalism

recebido

17/01/2006

aprovado

05/02/2006